

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ
LABORATÓRIO DE PRÁTICAS CULTURAIS.

FESTA DA COROA DO BOM JESUS DOS AFLITOS

Parangaba – Fortaleza/ CE

Kelson Moreira
(texto e design)

INTRODUÇÃO

Você já ouviu falar em festa de padroeiro? É um festejo que acontece num período geralmente de nove dias, quando os fiéis, devotos do santo padroeiro de uma determinada igreja, reúnem-se para realizar uma novena e depois de cada noite de oração promovem um momento em que as pessoas da comunidade podem divertir-se com apresentações culturais, serestas, barracas com comidas típicas, brincadeiras para crianças etc.

Há comunidades que se organizam em partidos, cada um com uma cor que representa, o “encarnado” e o “roxo”, por exemplo. Cada partido escolhe sua princesa que durante o festejo arrecada dinheiro. São promovidos, ainda, leilões com prendas doadas pelas famílias da própria comunidade. Isto que acontece depois de cada noite de novena, chamado “parte social da festa”, é também o momento da saudável disputa entre os partidos.

O novenário termina no dia do padroeiro quando realizam uma grande missa que reúne toda a comunidade dos fiéis do santo e outros membros da Igreja. Depois, parte social, anunciam o partido vencedor, aquele que conseguiu arrecadar mais dinheiro, e a princesa recebe o título de rainha da festa daquele ano. Na verdade todo o dinheiro arrecadado pelos partidos vai para a igreja que se responsabiliza de emprega-lo naquilo que acha mais necessário. E este momento promovido no dia do padroeiro é o dia da grande confraternização da comunidade que se empenhou na elaboração da festa.

O que faremos aqui é expor detalhes de uma tradição religiosa que acontece em fortaleza, na grande Parangaba: a festa da Coroa do Bom Jesus dos Aflitos. Festejo singular em suas características, pois além de exceder aquilo que é normal nas festas dos padroeiros, traz consigo a memória histórica dos povos indígenas cearenses e do trabalho catequético realizado jesuítas na época da colonização.

Diferencia-se também pelo tempo de duração, pois ocupa aproximadamente quatro meses do ano (do segundo domingo de setembro ao dia de reis). Além disso, através de uma peregrinação que acontece durante os dias do festejo, a tradição do Bom Jesus lança seus braços até as terras de Viçosa do Ceará, na serra da Ibiapaba, reduto indígena importante na época em que os colonizadores voltaram seus olhares às terras cearenses.

Os detalhes emocionantes desta tradição religiosa e popular, podem ser experimentados por qualquer pessoa que se obstine a acompanhar, ao menos em parte a peregrinação da Santa Coroa, que já foi objeto de estudo, aparecendo em artigos publicados na revista do Instituto do Ceará, também em dissertações de mestrado e trabalhos monográficos apresentados nas universidades de Fortaleza e que ainda promete aparecer em outros tantos trabalhos acadêmicos.

Enfim, uma deliciosa experiência que, se não for vivida, merece ao mesmo ser lida e imaginada.

AS ORIGENS

Quando o primeiro colonizador português veio ao Ceará, muita coisa já havia acontecido no cenário brasileiro. Muitos indígenas, de diversas nações, estavam por aqui fugidos temerosos das perversidades portuguesas.

Na serra de Ibiapaba, os nativos conviviam com a presença de franceses que estavam ali, porque acreditavam na possibilidade de encontrar riquezas. Foi também isso que atraiu os olhares de Pedro Coelho de Sousa e sua expedição em 1603, que diante dos ataques e da resistência dos índios Tapuias de Ibiapaba e dos franceses, não alcançou êxito.

Em 1607, chegaram ao Ceará os padres jesuítas Francisco Pinto e Luiz Figueira. Desembarcam no Rio Jaguaribe e vieram acompanhados de alguns índios que haviam sido escravizados, mas que logo teriam de volta a liberdade.

Os padres faziam a pé o longo percurso do Jaguaribe à serra da Ibiapaba. O objetivo era ir até o Maranhão. Durante este percurso o Padre Francisco Pinto mostrou sua preocupação em pregar a paz e estabelecer seu grande amor à causa indígena. Ele esteve, durante a caminhada em contatos com vários indígenas, dentre eles, aqueles que, posteriormente, iriam formar a missão da Porangaba.

Esse padre já era conhecido, entre os indianas, por Amanaiara (que significa “senhor das chuvas”), pois contam que em certo episódio de grande seca no sertão, ele ajoelhou-se, acenou ao céu e fez uma oração pedindo chuva. A prece foi atendida e, depois disso passou a ser muito querido entre os nativos.

Esse jesuítas também era carinhosamente tratado pelos índios cearenses por Pai Pina. A ele, atribuímos o início do culto em torno da coroa do Bom Jesus.

Mas em 1608, um grupo de indígenas chamados Tucurujus, inimigos dos portugueses, mataram o padre Francisco Pinto na Ibiapaba. Seus mortais foram sepultados pelo padre Luiz Figueira, pé daquela serra.

Quando em 1612 houve uma grande estiagem, os Potiguaras não tiveram receio em trazer para sua aldeia os ossos do Pai Pina que seriam como um amuleto que os protegeria da seca.

Neste mesmo ano, Martins Soares Moreno veio ao Ceará e permaneceu até 1631. Contam que durante sua permanência, ele vivia bem com os índios e fez profunda amizade com um deles, de nome Jacaúna.

Em 1637, começa nestes terras o domínio holandês que se estende até 1654 quando os portugueses resolveram retomar o projeto de colonização.

A partir desse ano, foi instalado aqui um verdadeiro campo de batalha entre os nativos. Povos como os Anacés foram praticamente dizimados. Esse período, que banhou de sangue as terras do sertão, reduziu as grandes populações indígenas a algumas pequenas aldeias.

Em 1656, o padre Antônio Vieira funda a Missão da Serra da Ibiapaba e, em 1663, o padre Jacob Clócleo e Pedro Francisco Casalli fundaram a missão do Bom Jesus da Porangaba que envolvia também terras do Mondubim. Para esta missão, os dois jesuítas transferiram cerca de 2.500 indígenas e os reuniram numa única nação Potiguara.

Partindo desta aldeia, padre Casalli resolveu andar pelos sertões mais distantes levando suas intenções de paz e de assistência. Sua caminhada o levou até Camocim onde prometeu realdear os nativos que lá encontrou. Foi quando o então governador João de Melo Gusmão proibiu a ação dos padres fazendo-os desistir de sua missão.

Apenas em 1694, chegaram os padres Manuel Pedroso Junior e Ascenso Gago para retomar o trabalho das missões. Primeiro, eles caminharam de Fortaleza à Ibiapaba e de lá rumo aos sertões levando a ideia de independência econômica para as missões. O resultado final do trabalho desses padres é das aldeias abandonadas surgiram, tempos depois, a Vila Viçosa, e missões como Igapara, Bacutiara, Tabainha do Miranda, Missão Velha, Missão Nova, entre outras. Além de aldeias como as de Almofala e de Caucaia.

Em 1758, os jesuítas foram expulsos e as aldeias transformadas em vilas.

Em 1759, a missão do Bom Jesus da Porangaba é transferida para o local atual e passa a chamar-se Vila Nova de Arronches, sob invocação de N. Sra. das Maravilhas.

PARANGABA E A FESTA DA COROA DO BOM JESUS

A devoção daquele povo ao Bom Jesus dos Aflitos sempre foi muito forte. Por isso, ainda em 1759, foi ordenado que Arronches tivesse por padroeiro, em lugar de N. Sra. das Maravilhas, o Bom Jesus.

Na verdade já estava consolidada a honra prestada ao santo por parte daquele povo que, por sua vez, já não era somente indígena, mas também uma mistura deste com o homem branco.

Um caboclo sertanejo, que preservava na memória toda a história vivida pelos seus antepassados, os ensinamentos deixados pelos padres, e principalmente o inesquecível Pai Pina.

Depois de 1759, Arroches, acompanhado o desenvolvimento da cidade, volta a ser chamada de Porangaba. E Foi neste mesmo lugar que os caboclos passaram a celebrar com pompa e regozijo a Festa da Coroa do Bom Jesus dos Aflitos.

Todos os anos, a comunidade reúne-se no segundo domingo de setembro, à tarde, na igreja deste lugar. Celebram a santa missa que tem como desfecho uma cena incomum, é a “Descida da Coroa”. O padre, antes de benção final, escala o altar da igreja até alcançar o topo da imagem de Cristo na cruz. De lá, ele retira a Santa Coroa, com ele abençoa a comunidade dos fiéis e, seguindo, entrega-a ao povo. Inicia-se então uma grande peregrinação.

A PEREGRINAÇÃO DA COROA

Essas pessoas conduzem a Coroa com todo respeito, dentro de uma bandeja de madeira, forrada com uma toalha com as iniciais do padroeiro, BJA.

Até a década de 1980, os caboclos, homens simples descendentes dos índios, eram os responsáveis pela peregrinação e se organizavam cada um com uma função: um conduzia um estandarte com a estampa do Bom Jesus dos Aflitos; outro conduzia um tambor, cujas batidas anunciava sua passagem; outro levava uma “sacolinha” com qual recolhia as esmolas que pediam; outro conduzia a bandeja.

Quando as pessoas ouviam as batidas do tambor logo se alvoraçavam, alguma crianças corriam com medo, mas os mais antigos não deixavam de dar uma esmola para que os simpáticos caboclos lá rezassem ou cantassem o terço.

O dia em que a coroa chegava em um povoado era considerado santo. Se havia ali uma capela, não deixavam de dirigir-se até ela para, junto com o povo, fazer suas orações.

Os caboclos escolhiam casas onde a Coroa pernoitava e as famílias preparavam pequenos altares com toalhas brancas, flores e velas para recebe-la.

Havia o Terço de viagem que era rezado e o Terço da noite era cantado.

Muitas vezes as famílias organizavam leilões para animar a noitada depois do terço.

Para o pedido de esmolas cantavam:

Vai chegando em nossa porta,
Nosso pai verdadeiro
Pedindo a sua esmola
Para o seu santo festejo
Deus vos louve a sua esmola,
Deus lhe dê muito que dá
Meu Bom Jesus dos Aflitos,
ele a vós queria ajudar
Se para o ano formos vivos
tornaremos a festejar.
Em cada casa, ao sair, despediam-se
Cantando:
Adeus! Adeus quem se vai! / Adeus!

Adeus quem se fica! / Senhor e dono
da casa, fique sim na paz de Cristo.

Outro bendito também muito cantado era este:

Meu Bom Jesus do Calvário / sua cruz é um madeiro
Vós sois um lindo cravo / que nasceu entre as roseiras.
Vosso nome é Jesus / é Jesus de Nazaré
Eu ainda espero me salvar / pela vossa santa fé
Vossos divinos cabelos / mais finos que o melhor ouro,
Eu ainda espero entrar / no vosso santo tesouro
Vossa divina cabeça / está coroada de espinhos,
Tudo pelos meus pecados / meu doce amante divino
Vossos divinos olhos / inclinados para o chão
Inclina Deus para nós / por vossa morte e paixão
Vossa divina boca / bebeu fel e amargura,
As nossas audaciosas / coração de pedra dura
Vossos divinos ombros / carregados de um madeiro,
Os nossos aliviados / meu Bom Jesus verdadeiro
Vossas divinas mãos / tão cravadas numa cruz,
As nossas pra ofender / vivem soltas meu Jesus
Vosso divino lado / transpassado com uma lança,
Os nossos maus corações / não querem senão vingança
Vossa divina cintura / atada com uma toalha,
Tudo é pelos meus pecados / meu Bom Jesus do Calvário
Vosso divino joelho / ferido e ensangüentado,
Os nossos tão asseados / querendo ser perdoados
Vossos divinos pés / mais frios que a neve pura,
Por eles minaram sangue / pelas ruas amargura
A mulher Santa Verônica / recostada ao Calvário
Orando pelo Senhor / que morreu crucificado
Oferecemos este Bendito / ao Bom Jesus dos Aflitos
Que sonora sem demora / aqueles que são contritos
Tornaremos a oferecer / ao mesmo senhor da cruz,
Que nos livre do inferno / para sempre, amém, Jesus

Eles percorriam primeiro as vizinhanças de Parangaba e depois iam até Maranguape. De lá seguiam viagem passando pelos seguintes lugares: Soure, Ribeira, Lagoa Salgada, Bebedouro, Matões, Pecém, Maracujá. Gregório, Chaves, Barrete, Cauype, Água Boa, Pinhão, Acauã, Corrente, Viçosa, Rajada, Tucunduba, Pau Barriga, Craussanga e Guatingaba.

Em 1982, por decisões da Arquidiocese de Fortaleza, a coroa passou a percorrer somente dentro dos limites da paróquia de Parangaba seguindo um calendário preparado pelo conselho da igreja e não mais sob a responsabilidade dos caboclos. Um ano depois, impedido de fazer o que sempre fazia todos os anos, morre o Sr. Euclides Bezerra da Silva, o último Caboclo que ainda restava do grupo que fora desfeito. Mas a Santa Coroa ainda permanece com sua peregrinação, hoje reduzida, percorrendo as seguintes comunidades: Matriz, Vila Iracema, Sagrado Coração de Jesus, Itaperi, Vila Betânia, João XXIII, Bom Sucesso, Vila Pery e Parque São José.

Na igreja desta última comunidade, os fiéis reúnem-se no dia 23 de dezembro, sempre às 16 horas, todos os anos. Dali uma multidão segue em caminhada, tomando por completo as ruas por

onde a coroa irá passar. Esse é o ponto máximo da peregrinação. Uns chamam de “Chegada dos Caboclos”, por causa da tradição, outros de “Chegada da Coroa”.

Durante a procissão muitas pessoas pagam suas promessas. Caminham sem qualquer calçado, carregam pedras na cabeça, vestem trajes roxos, levam fotos de parentes enfermos para deixar junto à bandeja da coroa, levam mãos, pés e cabeça feitas de papel ou de madeira.

Cada passo é disputado pela multidão. Não há idade. Idosos, adultos, jovens ou crianças desejam apenas tocar o andor que carrega a Santa Coroa que, apesar de ir sempre à frente da procissão, mistura-se em meio ao povo. Junto a ela caminha sempre uma pessoa com uma sacolinha onde são recolhidas as esmolas.

Quando chegam no lugar de destino – a Igreja Matriz – celebram uma grande missa campal, na praça que fica à frente da igreja.

A visão é belíssima: A igreja, a Coroa, a multidão, os pagadores de promessas, o pôr do sol e a lagoa, formam um quadro que emociona a qualquer um que se preste a observar.

Com este ato, encerram a peregrinação que dura, aproximadamente, quinze semanas. E passam agora a um outro momento, a festa do Padroeiro que vai até o dia primeiro de janeiro, dia do Bom Jesus.

Neste período, realizam uma novena. Todas as noites há missas por volta das dezenove horas, momento em que refletem de modo todo especial temas propostos pelos responsáveis por cada noite, já se preparando para celebrar o Natal.

Depois da missa, passam a parte social quando promovem barracas com comidas típicas, leilões, sorteios e várias apresentações culturais como dança, música, teatro, pastoris.

Na missa do Natal, colocam em lugar de destaque a imagem do Menino Jesus e a Coroa de espinhos, o que não acontece em nenhuma outra igreja. A vida inteira de Cristo é posta sobre o altar.

No primeiro dia de janeiro celebram a chegada de um novo ano prestando horas ao Senhor Bom Jesus dos Aflitos.

A Coroa permanece exposta na Igreja Matriz até o dia de Reis – seis de janeiro. Depois de celebrar a missa, chega o momento da despedida. É a “Subida da Coroa”, nome como se popularizou o encerramento do festejo

Primeiro rezam assim:

ORAÇÃO DO SENHOR BOM JESUS

Ó Senhor Bom Jesus dos Aflitos, consolo dos atribulados, arrimo dos fracos, esperança dos doentes, paz dos corações, eis-nos aqui prostrados diante de vossa sagrada imagem. Bom Jesus, vós sois um holocausto de amor ao Pai. Vós sois vítima, não do pecado, mas da misericórdia. Vós sois a propiciação pelos pecados da humanidade. O Cordeiro Imolado no altar da Cruz. Vossas chagas, Jesus bendito, nos atestam o vosso amor. São elas os preciosos troféus da vossa sagrada paixão.

E, contemplando a rude coroa de espinhos que circunda a vossa cabeça, exclamamos agradecidos: “Eis o Divino Diadema, símbolo inconfundível de um reino feito só de amor por Nós”. Sentimo-nos então confusos e envergonhados ao ver nossa grande maldade e miséria. Mas considerando tantas provas de amor e de perdão, ousamos pedir: Tende misericórdia, Senhor Jesus, deste vosso povo aflito. Protegei nossos lares, tantas vezes ameaçados pelo demônio da sensualidade e da cobiça. Olhai para esta juventude, de um lado desamparada, de outro, conduzida pelos tortuosos da descrença, da superficialidade e da luxúria. Dissipai os problemas morais e sociais de nossa terra, pois a miséria e a fome ameaçam cobrir, com seu manto tenebroso, milhares de famílias desempregadas e sem pão. Compadecei-vos de vossos doentes crucificados em leito de dor, confortai os agonizantes da sua verdadeira luta terrena, conduzi ao paraíso as almas dos nossos mortos, remidas a preço do vosso sangue e de vossas dores. Abençoi a Igreja, inspirai os governantes, protegei o povo santo de Deus. Vendo nossas fraquezas, abri, mais uma vez, os nossos lábios para rogar ao eterno Pai: “Pai, perdoa-lhes, eles não sabem o que fazem”.

Ao decepcionado, consolai dizendo: “Um dia estarás comigo no paraíso”. E ao desamparado dizei: “Eis minha mãe. Ela também é a tua mãe”.

Enfim, na ressurreição final, quando tudo estiver consumado em vós sendo Deus, tudo em todas as coisas, possamos todos entregar nas mãos do Pai serenamente nosso espírito, certos de que de vossas benditas mãos receberemos a coroa de nossa imortalidade. Amém!

Por vossa coroa de espinhos, ó Jesus:

Dai-nos a graça da eterna luz!

Feita esta oração cantam assim o Canto da Despedida:

1. Lá se vai quem tanto orou, que em Jesus nos concedeu.

ADEUS, RENOVA A SAUDADE, ADEUS.

ADEUS MEU BOM JESUS, ADEUS.

2. Adeus, casa de saudade, que em Jesus no Concedeu

3. Adeus, meu povo, adeus. Ajuda-me a Despedida

4. Se o tempo for durado, pode ser que eu torne a vir ATÉ PARA O ANO QUE VEM, ADEUS.

ADEUS, MEU BOM JESUS ADEUS (BIS)

Começa então o ritual da subida. O padre escala o altar enquanto o povo canta com entusiasmo:

HINO DA COROA DO BOM JESUS

1. Entre cantos de excelsa harmonia,
Parangaba se enche de luz para saudar com
amor e alegria a Coroa do Bom Jesus.

LOUVEMOS SEMPRE A COROA, A COROA
DO BOM JESUS. ESPERANÇA DE MORTE
BOA E DE GLÓRIA NA ETERNA LUZ. (BIS)

2. Parangaba venera a Coroa, como seu mais
Sublime troféu, e na sua glória um hino entoado
Que ressoa no alto do céu.

3. Bom Jesus vosso braços benditos, estendidos
No lenho da cruz, vem derramar sobre os
Pobres aflitos mil favores de graça e luz.

4. Socorrei vosso filhos queridos que do alto da
Cruz contemplais e deferi seus humildes
Pedidos, seus gemidos de prantos e ais.

5. Conservai na criança a inocência. Conservai
na donzela o pudor. Conservai na família a
prudência. Conservai no esposo o amor.

6. Ó Senhor Bom Jesus dos Aflitos, nossos
Gritos de fé escutai e pela vossa Coroa de
glória a vitória celeste nos dai.

Depois disso, do lado de fora da Igreja, no patamar, todos contemplam uma linda queima de fogos que encerra solenemente a festa da Coroa do Bom Jesus dos Aflitos.

O QUE NOS RESTA?

Desde o ano de 2001, muitos têm somado vários esforços para a preservação deste importante patrimônio histórico que faz parte da grande Parangaba.

Além da Igreja que vem apontando positivamente para o resgate cultural das tradições que circundam a Coroa do Bom Jesus, hoje é possível contar com a colaboração do Instituto Amanaiara que foi criado com os olhares voltados para esta intenção de assegurar o fortalecimento e a continuidade da riqueza cultural da Parangaba dos Caboclos e dos Índios.

SOBRE O AUTOR

Kelson Moreira é um jovem pesquisador que estuda sobre as raízes históricas da Parangaba e de seu povo. E, juntamente com Flávio Lima e Rosamaria Gomes, teve a iniciativa de fundar o Instituto Amanaiara, que conta com diversos parceiros.

NÃO ESQUEÇA!

Datas importantes da Festa da Coroa do Bom Jesus:

1 – A **DESCIDA DA COROA** sempre acontece no segundo domingo de Setembro com missa às 18 horas, na Igreja Matriz de Parangaba.

2 - Dia 23 de Dezembro, às 16 horas, na Igreja do Parque São José, inicia-se a procissão da **CHEGADA DA COROA**.

3 – De 24 de Dezembro a 1º de Janeiro acontece a **NOVENA DO BOM JESUS DOS AFLITOS**, sempre às 19 horas, com missa na Igreja Matriz e festa cultural após a celebração.

4 – Dia 06 de Janeiro, dia de Reis, às 19 horas, na mesma igreja, celebra-se a missa da **SUBIDA DA COROA**, finalizando os festejos.